

LINGUASAGEM

GIERING, Maria. As categorias da ADD e seu impacto sobre os estudos linguístico-discursivos. In: **ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL**. Coordenação de Maria Eduarda Giering e Roberto Leiser Baronas. 14 maio 2021. 1 vídeo (2h1min11s). Curso *on-line*. [s.l]: Associação Brasileira de Linguística, 2021.

Daiana CAMPANI¹
Eduardo Paré GLÜCK²

Esta resenha objetiva abordar a segunda aula do curso *Introdução aos pressupostos da Análise do Discurso Digital (ADD)*, ministrada pela Profa. Dra. Maria Eduarda Giering (UNISINOS). A aula, intitulada *As categorias da ADD e seu impacto sobre os estudos linguístico-discursivos*, ocorreu no dia 14 de maio de 2021, das 14h às 16h sob o horário de Brasília, de forma síncrona, por meio da Plataforma *Google Meet*. O curso em que essa aula está integrada, composto por dez encontros, foi oferecido pela *Associação Brasileira de Linguística (Abralín)* sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Eduarda Giering (UNISINOS) e do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar).

A professora Giering, doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS -, tendo realizado estágio pós-doutoral na área de Análise do Discurso na *Université Paris Sorbonne IV*, é membra do corpo docente titular do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS - em São Leopoldo/RS, onde coordena o grupo de pesquisa *Comunicação da Ciência e Estudos Linguísticos-Discursivos* - CCELD. As pesquisas do grupo debruçam-se, há alguns anos, sobre os textos de popularização da ciência e, diante do crescimento da divulgação científica em ecossistemas digitais, como as redes sociais, os pesquisadores do CCELD sentiram a necessidade de buscar um aporte teórico-metodológico que respaldasse as análises de textos digitais, contemplando não só a dimensão linguística, mas também a tecnológica. Dessa forma, o grupo entrou em contato com a teoria da Análise do Discurso Digital - ADD -, da linguista francesa Marie-Anne Paveau.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: daiana.campani@liberato.com.br.

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: eduardogluck@gmail.com.

Na aula aqui resenhada, Giering apresentou um panorama da ADD, com suas categorias, suas noções, seus desafios e suas repercussões. Ela iniciou sua apresentação propondo aos participantes uma reflexão sobre o que seria uma visão não dualista, a que muitos teóricos das ciências humanas, naturais e sociais já se filiam e a que, segundo Paveau, os linguistas também precisam aderir. A professora Giering aludiu à obra de Schaeffer (2009), um dos teóricos que Paveau cita em suas produções, o qual condena uma visão antropocêntrica, segundo a qual o ser humano seria superior a todos os outros seres vivos. Paveau - como explicou a professora Giering - conduz pesquisadores da linguística a se debruçarem sobre a tecnolinguagem sob essa perspectiva pós-dualista, isto é, adotando uma simetria entre a linguagem e a tecnologia. Na perspectiva da ADD, há uma ligação indissociável entre matéria languageira e tecnologia, em que se investigam os mais variados fenômenos que concernem à tecnolinguagem.

Frente a isso, ainda conforme a explicação da professora, Paveau (2013; 2021) concebe a ADD a partir de uma linguística simétrica, que consiste em uma virada epistemológica, a partir do conceito de *simetria*, cunhado pelo antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência Bruno Latour (2012). Para Latour (2012, p. 158), os objetos têm agência, o que significa que eles estão associados “de tal modo que fazem outros atores fazerem coisas”. Em vista disso, o pesquisador advoga o mesmo *status* e dedica a mesma atenção aos atores humanos e aos não humanos. Trata-se de uma verdadeira simetria.

Nesse sentido, a linguística simétrica opõe-se à linguística logocêntrica, pois rompe com as noções de *linguístico* e *extralinguístico*. Na perspectiva logocêntrica (adotada pelas chamadas disciplinas TDI - Texto, Discurso e Interação), há aspectos que competem à linguagem e outros que são exteriores a ela. Sob essa perspectiva logocêntrica, os observáveis são de natureza puramente languageira, opondo-se à abordagem simétrica, em que os observáveis compõem-se de natureza tecnolinguageira, num verdadeiro compósito entre o languageiro e o tecnológico.

Por isso, consoante Paveau (2021), as investigações no âmbito da ADD inserem-se numa abordagem pós-dualista e ecológica, isto é, que considera o ambiente de produção, o objeto, o sujeito e o ecossistema, e integra esses quatro elementos em simetria. Em outras palavras, na perspectiva pós-dualista, todos esses elementos estão em relação indissociável. O discurso digital não existe sem considerar a máquina, uma vez que os próprios ecossistemas definem a forma como o leitor interage (PAVEAU, 2017). Por essa razão, Paveau (2021, p. 1), nos esclarece que “[...] os discursos digitais

nativos não são de ordem puramente linguageira”, o que implica no reconhecimento do “papel dos agentes não humanos nas produções linguageiras”.

Por essa razão, no discurso digital, a tecnologia não é extralinguística, pois é o ecossistema quem determinará os caminhos e as possibilidades de interação possíveis para o leitor. Para exemplificar essas questões, a professora Giering apresentou uma imagem de um piloto de avião em um cockpit, uma metáfora baseada em Hutchins (1994), explicando que não são somente piloto e copiloto que falam, mas sim todo o conjunto do *cockpit*. Para auxiliar os participantes a melhor compreenderem os conceitos da ADD, a professora trouxe, em sua apresentação, a todo momento, *prints* de telas de dispositivos conectados em redes sociais, com exemplos de formas tecnolinguageiras, como *hashtags*, codinomes iniciados por @, *emojis*, palavras de comando clicáveis, *links* clicáveis, entre outros.

Após essa introdução, Giering trouxe categorias que são colocadas em cheque pela ADD, como a noção de *sujeito* - uma vez que a produção linguageira não é somente humana, mas mediada e distribuída com a máquina - e a noção de *contexto*, que não contemplaria a dimensão tecnológica. Nesse sentido, Paveau sugere, em substituição à noção de contexto, a de *ambiente*, justamente para dar conta desse aspecto compósito do discurso.

Outras noções importantes apresentadas na aula foram as diferenças entre *texto digitalizado* (a simples impressão de um documento transferida para um ambiente digital), *texto digital* (feito em meio eletrônico *off-line*) e *texto digital nativo* (produzido *on-line*, em *site*, *blog* ou rede social). Sobre esse último conceito, a professora ainda apresentou os seus seis traços apontados por Paveau: *composição* (ou seja, a matéria mista, que é linguageira e tecnológica), *deslinearização* (por meio de links), *ampliação* (por conta da heterogeneidade tencoenunciativa), *relacionalidade* (com outros discursos, com a máquina e com os escritores e escreteiros), *investigabilidade* (face aos metadados) e *imprevisibilidade* (isto é, a interferência de algoritmos). Frente a essas características do discurso digital, evidentemente as antigas ferramentas de análise do pré-digital não trariam e não trarão resultados profícuos.

Após citar essas características, Giering centrou sua explanação em duas delas: a *deslinearização* e a *ampliação enunciativa*. Quanto à primeira característica, a professora explicou os seus vários tipos: (i) *deslinearização visual*: essa forma possui existência visual e material manifestada na hiperligação; (ii) *deslinearização sintagmática*: essa forma remete a um elemento clicável que opera uma suspensão na

sequência do texto, possibilitando a inserção de outro segmento discursivo conectado a ele; (iii) *deslinearização enunciativa*: essa forma expressa a coexistência, no mesmo fio, de várias situações potenciais de enunciação e é sempre marcada por uma forma gráfica; (iv) *deslinearização discursiva*: essa forma, por meio do hipertexto, passa de um hiperdiscurso a outro hiperdiscurso; e (v) *deslinearização semiótica*: essa forma inclui a combinação de elementos não verbais, como imagem, som, gráfico ou ação, em razão da natureza compósita dos enunciados digitais.

No que concerne à segunda característica, a professora explicitou que, para a ADD, a instância enunciativa não é mais comparável a uma figura única, a do enunciador, pois há uma heterogeneidade tecnoenunciativa; que possibilita pensarmos em *enunciador coletivo* e *enunciador ampliado*. O *enunciador coletivo* foi exemplificado por ela com ferramentas de escritas coletivas, como o *Google Docs*. Já o *enunciador ampliado* foi explicado e exemplificado com *prints* de comentários do Twitter, de *links* hipertextuais e de reblogagens. Assim, diante desses exemplos, Giering lançou um questionamento: quem seria, afinal, o autor nesses casos? Ela apresentou, então, o conceito de *enunciação editorial*, que designa um modo plural de elaborar um texto, em que instâncias humanas e não humanas intervêm e há possibilidades de circulação inéditas.

Também foi fomentada uma discussão sobre a escrita digital, que apresenta peculiaridades em relação à pré-digital. Para a ADD, há restrições da produção escritural digital, que atuam em dois níveis: em um nível macro, há que se considerar os formatos dos dispositivos digitais de escrita e, em um nível micro, é preciso observar os elementos de linguagem em contexto digital (a dimensão tecnolinguageira). Ao escrever em um ambiente digital, o escritor está sobredeterminado ao *arquitexto* da plataforma escolhida, ou seja, às “ferramentas de gestão de processos de escrita” (PAVEAU, 2021, p. 188), que exercem um controle sobre ela.

Ainda sobre a escrita digital, a professora Maria Eduarda Giering apresentou dois conceitos que são muito caros à ADD e que podem até mesmo causar um certo estranhamento em quem com eles se depara pela primeira vez: o produtor do texto, em ADD, é chamado de *produzúario*, pois ele atua no ecossistema e o ecossistema atua sobre ele. Na tecnoescrita são necessários, por exemplo, gestos técnicos, como inserir *links*, clicar em botões, entre outros. Já o leitor é chamado de *escreleitor*, pois ele coconstrói o sentido do texto por meio de leitura e de escrita (escreleitura). Ele tem um

papel ativo, pois pode ou não clicar em *hiperlinks*, pode ou não comentar/ampliar o texto, entre outros gestos técnicos.

Já mais ao final de sua fala, a coordenadora do grupo CCELD ainda abordou o fato de que os textos nativos digitais podem ser plurissemióticos, ou seja, podem conter imagens, vídeos, gravações de voz, entre outros recursos. Um tecnografismo, como um meme, um avatar ou um botão, por exemplo, associa imagem e texto verbal. Ela também apresentou o conceito de *tecnogênero*, para aludir, usando a nomenclatura da ADD, a gêneros discursivos dependentes do meio digital, como o pedido de amizade no e do Facebook.

Por fim, Giering encerrou sua fala lembrando que *corpora* digitais não podem ser observados como *estrangeiros*; são, na verdade, *territórios* que necessitam da presença do pesquisador como usuário e de conhecimentos de dispositivos de escrita e de culturas digitais. Para a professora Maria Eduarda, um analista de texto digital precisa estar atento às características dos ecossistemas que pesquisa, indo muito além das categorias elencadas pela textualidade impressa. Da mesma forma, um outro desafio para os analistas de textos digitais, segundo ela, é relacionar o trabalho da ADD a um trabalho com letramento digital.

Após encerrar sua fala, a professora ainda respondeu às perguntas feitas pelos participantes no *chat*, monitorado por Lauro Damasceno, na época, graduando no Bacharelado em Linguística pela UFSCar e monitor do curso. Foram várias as manifestações dos participantes, tanto em forma de comentários elogiosos e agradecimentos à professora, quanto em forma de perguntas sobre os vários conceitos apresentados - novos e desafiadores para grande parte dos participantes.

Frente a isso, sob a égide da ADD, acreditamos que a linguística simétrica confere um lugar equivalente ao linguageiro e ao não linguístico, partindo da concepção compósita da língua e do discurso, a ecologia do discurso. Por isso, a tecnologia e o linguageiro são cointegrados. Desse modo, as pesquisas cujos *corpora* sejam nativos digitais devem apresentar em suas análises essa dimensão ecológica, pós-dualista e compósita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUTCHINS, E. Comment le cockpit se souvient de ses vitesses, **Sociologie du travail**, n. 4, p. 461- 473, 1994.

LATOURE, B. **Reagregando o Social**. Bauru, SP: EDUSC, Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

PAVEAU, M.-A. Technodiscursivités natives sur Twitter: une écologie du discours numérique. *Epistémè: Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées*, **Séoul**, [S.l.], n. 9, p. 139-176, sept. 2013. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00859064/document>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PAVEAU, M.-A. Ce qui s'écrit dans les univers numériques, **Itinéraires** [En ligne], jan. 2015. Disponível em: <http://itineraires.revues.org/2313>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (Org). 1 ed. Campinas, SP. Editora Pontes, 2021.

SCHAEFFER, Jean-Marie. **El fin de la excepción humana**. Trad. Victor Goldstein. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.